

A metafonía nominal na Galiza: contributos para uma abordagem diacrónica

Júlio Diéguez González

Universidade de Santiago de Compostela

Lúsa Diéguez González

I. E. S. Rafael Puga Ramón-A Corunha

I

Para o estudo da metafonía galego-portuguesa no domínio da linguística histórica surge um obstáculo difícil de salvar: nos documentos medievais em romance não se pratica a distinção gráfica entre /e/ e /e/ nem entre /o/ e /o/, ou se se faz não é de modo claro e incontroverso quanto à interpretação. Talvez só os textos mais “fonológicos” – os mais antigos, em geral –, poderão esclarecer o momento evolutivo do fenómeno. Essa via de investigação tem-se revelado especialmente complexa, e vemo-nos forçados, sobretudo no que diz respeito à Galiza, a formular teorias a partir dos dois pólos extremos do percurso – (a) os dados dos falares actuais e (b) as respectivas etimologias quando se trata de termos procedentes do latim (obtidas das fontes latinas ou da reconstrução hipotética por comparação dos resultados românicos) – sem qualquer informação sobre a situação medieval. O ponto de partida da tentativa de interpretação que pretendemos fundamentar é que terá havido originalmente um único fenómeno de metafonía galego-portuguesa. Num trabalho anterior¹ expusemos os motivos deste postulado:

a coincidência essencial entre as falas de Portugal e da Galiza quanto à lista dos vocábulos afectados e também a das excepções [...] parece suficiente para que, com independência das diferenças observáveis no nível do funcionamento morfológico dos seus resultados actuais, demos por seguro que em origem nom se poda falar de metafonía galega independente da portuguesa: há um único facto de mudança fonética anterior, claramente, à cisom política do território em que surgiu o romance hispânico ocidental, e nom há nada que permita pensar nem em fenómenos independentes, nem na propagação de umha área para a outra salvando o obstáculo da fronteira política, nem em fenómenos paralelos e simétricos mas sem conexom entre ambos.

Esta hipótese pressupõe a existência de um núcleo inicial de vocábulos afectados pelo fenómeno fonético, que é transferido para o domínio da morfologia gerando padrões flexivos de número e de género “hipercharacterizados” em que se integram termos que não podem ter sido afectados pela mudança fonética original. Isto, no

¹ Cf. Diéguez González 1998:287.

nosso entender, ocorre já nos inícios do percurso evolutivo da inflexão metafonética, não na sua fase final; ter-se-á produzido na pré-história do romance galego-português, antes da cisão política da sua área original de vigência. A metafoia terá surgido como consequência da manutenção da distinção entre *ũ* e *õ* finais latinos². Menéndez Pidal (1980:171) sobre a presença das vogais -o/-u finais nos documentos e nas glossas da regiões castelhana-leonesa e aragonesa, manifesta:

En algunas regiones se conservan todavía durante los siglos X y XI muchos restos de la primitiva distinción entre -*Ō* y -*Ū* latinas finales. Las *Glosas Silenses*, por ejemplo, recuerdan bastante bien la diferencia entre le singular *nafregatu* y el plural *nafregatos*, entre Nosotros *debemus* y el gerundio *sapiendo* [...] La vitalidad de esta distinción se aprecia por la influencia de la -u sobre la vocal acentuada, que produjo en portugués la diferencia entre el singular *porco* y el plural *porcos*, o en el dialecto de Lena (Asturias) entre *puircu* y *puercos*, y se aprecia mejor aún viendo subsistir hasta hoy tal distinción en algunos dialectos románicos de Asturias, Cerdeña, etc. Ese -u final primitiva debía ser más abierta que la derivada de *Ū* latina, y se hallaba ya en nuestros siglos X y XI confundida con la -o en la mayoría de las regiones de Castilla y en muchas de León y de Aragón; la -o etimológica atraía ya los casos de -u en gran abundancia, siendo, por el contrario, raro el fenómeno de -o etimológica hecha -u por analogía.

Azevedo Maia (1986:382-386) estuda os testemunhos medievais em relação com as informações dos gramáticos da Renascença e deduz que a situação que se dá no português contemporâneo era já a que existia na língua culta do Centro do País no século XVI, pois a análise das grafias de João de Barros revela, nas formas dos substantivos e adjectivos com vogal tónica [o], uma repartição de [o] e [ɔ] igual à do português culto de hoje. Também em Fernão de Oliveira há uma brevíssima referência a palavras em que existe uma alternância vocálica entre a forma do singular com “o pequeno” e a forma do plural com “o grande”, de termos de origem latina com *Ō* na sílaba tónica: “e temos o grande como fermosos e o pequeno como fermoso”³. Esta informação confirma que, além de ter-se estabilizado o padrão flexional com hipercharacterização nos substantivos e adjectivos que tinham sofrido a mudança [ɔ]>[o] na forma do masculino singular (*povo, porco, porto, sogro, novo,*

² Sobre o problema de se havia oposição de o/u finais átonos Harri Meier e Menéndez Pidal sustentaram a tese de que a P. Ibérica se encontra dividida em duas partes: uma zona ocidental (Portugal, a Galiza, Astúrias e Espanha ocidental) onde se mantêm distintos os resultados de *ũ* e *õ* latinos; por outro, as restantes regiões peninsulares onde se perdeu a distinção entre essas duas vogais, uma vez que ambas se fundiram em -o. Azevedo Maia (1986:415) considera que esta visão não é correcta no que diz respeito à Galiza e Portugal. Essa distinção entre *ũ* e *õ* latinos ter-se-ia mantido a sul do rio Douro: aí os substantivos e adjectivos terminariam no singular em [-u] e no plural em [-o]s. Isto determina o aparecimento de um processo de flexão interna, de alternância vocálica: porco/porcos, ovo/ovos, e também porco/porca, cancelo/cancela, travesso/travessa. Os gramáticos portugueses do sec. XVI apresentam neste aspecto uma situação verdadeiramente moderna: as alternâncias entre [o] e [ɔ] e entre [e] e [ɛ] são as mesmas do português actual.

³ Reproduzimos a citação de Azevedo Maia (1986:383, n. 2): Cf. Fernão de Oliveira, *Grammatica da linguagem portuguesa*. Reedição de Rodrigo de Sá Nogueira, Lisboa (Edição de José Fernandes Júnior), 1933, p. 28.

choco, torto, etc.), também se tinham assimilado a este modelo outros – procedentes de étimos com [o] na sílaba tónica – por analogia; é o caso dos adjectivos com o sufixo *-oso*. Os padrões flexivos devem ter sido o factor decisivo para a manutenção dos vestígios da inflexão fonética: aparentemente um paradigma flexional complexo⁴ só pode sustentar-se se acolher um número importante de vocábulos, e este não for suficiente é simplificado pela força niveladora da analogia. Explicar-se-ia assim o comportamento dos substantivos com vogal tónica [e], que nos falares galegos e portugueses apresentam [e] fechado nas formas do masculino singular e plural e [ɛ] no feminino, singular e plural também. Não cremos que se possa pensar num fenómeno produzido quando já o [u] final do singular se tinha estendido ao plural correspondente (-u/-os > -u/us), que já não teria nada a ver com a metafonia originária⁵; parece, todavia, que o número de vocábulos com flexão hipercharacterizada era menor e por isso o padrão flexivo não se estabilizou na sua forma original; a vogal do masculino singular ter-se-á transferido também para o plural, mas não para as formas femininas⁶. Nos falares portugueses ocorreu em substantivos com vogal tónica [ɛ] originária e na Galiza afectou igualmente os que tinham [ɛ] e [ɔ]; deve ter relação com o diferente número de vocábulos que se incorporaram ao padrão flexional hipercharacterizado no primeiro momento evolutivo: nos termos com vogal [ɔ] > [o] o grande número de adjectivos com sufixo *-oso* terá consolidado em Portugal o padrão complexo, enquanto na Galiza é verosímil que numa área importante do território esse grupo não tenha chegado a incorporar-se⁷.

⁴ Não usamos a palavra *irregular* porque na terminologia gramatical são *regulares* os padrões flexionais maioritários, e *irregulares* os outros; é geralmente aceite que os padrões irregulares sobrevivem só em vocábulos de grande frequência de uso e que os de baixa frequência *acomodam-se* aos modelos maioritários. Todavia, cremos que se pode formular outra regra: os padrões mais complexos (como a flexão hipercharacterizada de género e número) só se sustentam – em situação de coexistência com os mais simples – se forem “maioritários”, caso contrário impor-se-ão os mais simples: é óbvio, mas tem uma clara utilidade explicativa.

⁵ Sobretudo tendo em conta que na Galiza os substantivos com vogal tónica [o] e [e] se comportam todos como fazem os de vogal [e] nos falares e no padrão português: poder-se-ia pensar numa metafonia galega mais tardia e paralela à dos substantivos portugueses com vogal [e]; mas os dados não apoiam esta hipótese, por uma razão: a lista dos vocábulos afectados e das excepções é basicamente idêntica na Galiza e em Portugal, o que só pode justificar-se sendo o mesmo fenómeno produzido numa época anterior à cisão política da área galego-portuguesa.

⁶ Pode ter ajudado a isto a “quebra” de vocábulos procedentes do mesmo étimo que deram lugar a substantivos femininos diferentes dos respectivos masculinos – no seu valor semântico e, como consequência, na percepção da sua autonomia morfológica –; é o caso, por exemplo, de *têsto/têstos, têstaltêstas*.

⁷ O tamanho dos paradigmas deve considerar-se com independência da condição substantiva ou adjectiva dos membros. Nos falares e no padrão lusitano os adjectivos com vogal tónica [ɔ] originária têm flexão de género e número hipercharacterizada, como os substantivos, e devemos supor que terão sido os adjectivos, muito mais numerosos (sobretudo mercê do grande conjunto com sufixo *-oso*), que terão contribuído decisivamente para a manutenção de um padrão flexivo complexo. Na Galiza há áreas e vocábulos em que se mantém uma flexão hipercharacterizada de género (mas não de número) similar à dos substantivos (*nôvo, nôvos / nôva, nôvas*) e há outras em que a vogal fechada por metafonia se estendeu aos quatro termos flexionais, ostentado portanto um radical completamente

Os dados dos falares actuais parecem sugerir que o fenómeno de inflexão puramente fonética teria actuado na maior parte da área geográfica em que se formou o galego-português e que é muito cedo que se formam os padrões flexionais hipercharacterizados; parece verosímil que na maior parte do território tenha cessado em época bastante antiga a acção do fenómeno fonético puro, mantendo-se, no entanto, a vigência dos padrões que atestam a sua intervenção original. Todavia, deve ter havido áreas em que a pura tendência assimilatória de tipo fonético sobrevivesse até datas relativamente recentes, e talvez não apenas no domínio galego-português; com efeito, a vigência actual em regiões asturianas de flexões do tipo *puircu/puercos* induz a acreditar que a inflexão tenha vigorado até ao momento presente; a metáfora antiga teria impedido a ditongação da forma do masculino singular; parece haver, portanto, acção assimilatória sobre “empréstimos” castelhanos muito recentes. Na Galiza tem-se assinalado uma intensidade da inflexão directamente proporcional à ocidentalidade territorial dos falares, o que nos parece erróneo, pois consideramos necessário distinguir o fenómeno assimilatório fonético das tendências regularizadoras para o nivelamento dos padrões flexionais afectados originariamente – que restabeleceram o vocalismo “etimológico” na forma do masculino singular restaurando assim a situação esperável se a inflexão não se tivesse produzido –. O fenómeno fonético é de intensidade proporcional ao grau de marginalidade geográfica: maior nos falares mais periféricos (i. e., costeiros): o litoral e região setentrional da província de Lugo parece equiparar-se à costa ocidental corunhesa; pelo contrário, as tendências “regularizadoras” que apagaram a alternância no vocalismo radical de muitos termos parecem ter sido de intensidade proporcional ao grau de orientalidade geográfica dos falares; as isoglossas que dividem a Galiza na direcção Norte-Sul revelam, na realidade, a situação resultante destes nivelamentos, não os vestígios da inflexão metafonética original.

Os testemunhos da inflexão são difíceis de detectar nos textos medievais galego-portugueses, e só alguns ensaios fonológicos nos períodos iniciais da escrita em romance podem fornecer dados sobre o seu processo evolutivo. Um documento de 1274 do mosteiro ourensano de Ramirás, no Sul da Galiza, mostra o que parece um vestígio da vigência do padrão flexional hipercharacterizado a que se tinham incorporado os adjectivos com sufixo *-oso*; fornecemos em apêndice a edição: “assi que niun ným nýua omne nem mu¹⁰ler num siga puDIRUSO nem PODEROSA didiman/¹¹dar á úos aqwesto que uos nos quitamus...”. O fragmento patenteia, a

uniforme mas com vogal fechada que não é etimológica: é este comportamento o que surge normalmente nos adjectivos com vogal tónica [e] nos falares e no padrão português: *grego, preto, ermo*, etc. Na Galiza afecta adjectivos com [e] (*ermo, preto, ledro*) e outros com [o] em certas áreas geográficas (*novo, grosso, morno, choco, chocho*, etc.). O caso de *solto* é peculiar: na Galiza há áreas de *sólto, sólto / sólta, sólta* e outras de *sólto, sólto, sólta, sólta*, e em Portugal não se comporta como os adjectivos com vogal [o], mas tem o comportamento que têm os de [e]: *sólto, sólto, sólta, sólta*. Os adjectivos em que a vogal fechada do masculino singular se estendeu aos quatro termos flexivos mostram abertamente o funcionamento da tendência para o nivelamento analógico, maior no caso dos adjectivos porque as oposições de género e número não se vinculam a valores semânticos diferentes, ao serem pura marca de concordância.

nosso ver, a diferença de vogal tónica entre a forma masculina *puDIRUSO* e a feminina *PODEROSA*, confirmada pelo efeito assimilatório que o [o] ([u]?) tónico de “puDIRUSO” exerce sobre as vogais pretónicas.

II

Os dados que oferecemos sobre falares da Galiza procedem de um inquérito a um conjunto de informadores de língua materna galego-portuguesa de diferentes pontos da geografia galega⁸, além da informação que oferece R. Álvarez (1988 e 1995).

Revela-se complexo estabelecer a lista dos vocábulos galego-portugueses que ostentam vestígios da metafonia por -U final: fechamento da vogal tónica /ε/ ou /ɔ/ em /e/ e /o/, e também em alguns casos fechamento de /e/ e /o/ em /i/ e /u/ respectivamente. As gramáticas portuguesas fornecem a lista dos substantivos em que se dá a flexão de número, ou de género e número, hipercharacterizada, com vogal fechada no masculino singular e aberta nas restantes formas flexionais. A comparação desses inventários com os actuais da Galiza exige ter em conta que alguns termos faltam nos falares galegos ou são conhecidos exclusivamente através do correspondente castelhano, coincidente às vezes com a forma portuguesa; é o caso de *despojo*, *escolho*, *fosso*, *troço*, e talvez também de *contorno*, *coro*, *torno*; *abrolho* e *renovo* cremos que não se registam em falares da Galiza; *foro* sim, e cremos que só com vogal fechada, mas faltam-nos dados seguros. Em qualquer caso, todos estes substantivos, salvo *foro*, carecem de inflexão metafónica original: se apresentam flexão de número hipercharacterizada é por terem sido atraídos para este padrão flexional por analogia. O inventário de vocábulos em que a vogal etimologicamente aberta que fechou por inflexão por -U final é, este sim,

⁸ Fornecemos a lista dos informadores e das localidades respectivas (cf. Mapa) na ordem seguinte: Sigla; Informador; Localidade, freguesia; Concelho (Província): L1, J. Manuel López Ermida, Oourol, Oourol (Lugo); L2, Aurora Villalba Barreira, Santo Adrao, Lourençá, Lourençá (Lugo); L3, Carlos Rodríguez Penín, O Castro, Santa Cruz de Parga, Parga (Lugo); L4, M. Carme Iglesias Piñeiro, Xermar, Cospeito (Lugo); L5, J. Henrique Peres Rodríguez, Prevesos, Castro de Rei (Lugo); L6, Eládia Diéguez Vázquez, Antas de Ulha, Antas de Ulha (Lugo); L7, Estrella López González, Marçam, Chave, Savinhao (Lugo); L8, Neves Arza Arza, Folgoso do Courel, Folgoso do Courel (Lugo); L9, Esther E. González Martínez, S. Clódio de Ribas de Sil, Ribas de Sil (Lugo); L10, Antonio González López, Sober, Sober (Lugo); C1, Manuel Alhegue Varela, Ponte d'Eume, Ponte d'Eume (A Corunha); C2, Manuel Vázquez Blanco, Fontecada, Santa Comba (A Corunha); C3, M. Isabel Castro Rodríguez, Gures, Ameixenda (A Corunha); C4, M. Concepción Sánchez Sánchez, Roxos, Vilhestro, Santiago de Compostela; C5, Cristina Viqueira Antelo, Marroços, Santiago de Compostela; C6, Carmen Rodríguez Suárez, Solheiros, Esteiro, Muros (A Corunha); C7, Maria Lestón Romani, Esteiro, Muros (A Corunha); C8, Ângelo Lamas, Inhobre, Taragonha, Rianxo (A Corunha); Ou1, M. Luísa Dominguez Estévez, Cernado, Manzaneda (Ourense); Ou2, M. Carmen Cid Dominguez, Vilarinho, Sam Cibrao de Lama Má, Banhos de Molgas (Ourense); Ou3, Olga Quintana Devesa, Outeiro de Orraca, Alhariz, Alhariz (Ourense); Ou4, M. Salgado Garcia, Oimbra, Oimbra (Ourense); P1, Xosé Barreiro Otero, Grês, Vila de Cruzes (Ponte-Vedra); P2, Lucia Galego Vázquez, Busto, Lalim (Ponte-Vedra); P3, Esperanza Moreiras Cuñarro, Mouriz, Rio, Rodeiro (Ponte-Vedra); P4, Manuel Fernández López, Donfreám, Catasós, Lalim (Ponte-Vedra); P5, César Caramês Blanco, S. Martinho de Laje, Moranha (Ponte-Vedra); P6, M0 Beatriz Rio Cancelas, Meira, Moanha (Ponte-Vedra). Alguns destes inquéritos já foram utilizados noutro trabalho (Diéguez González 1998).

basicamente idêntico para os falares actuais portugueses e galegos: *almoço* (*almorço* na Galiza), *corno*, *corpo*, *corvo*, *esforço*, *fogo*, *foro*, *imposto*, *jogo*, *olho*, *osso*, *ovo*, *porco*, *porto*, *posto*, *povo*, *reforço*, *rogo*, *sogro*, *troco*. Há que acrescentar os que não apresentam em português padrão actual flexão de número hipercharacterizada porque a vogal fechada do singular “regularizou” o plural correspondente, mas que são casos indubitáveis da sobrevivência do fenómeno: *acordo*, *colmo*, *consolo*, por exemplo. Acrescentemos os que se usam só no singular: *mormo* (doença dos animais)⁹, ou *soro* (do queijo) por exemplo. Também é coincidente a lista dos substantivos com vogal tónica “e” afectados: *esterco*, *testo*, *rego*, *medo* entre outros; *novelo*, *cancelo* e outras palavras com o sufixo -elo (<ĒLLU): *mantelo*, *cadelo*, *castelo*, *cachelo*, etc.; talvez também o nome pessoal *Pedro*; as formas que apresenta *grelo* na Galiza fazem que se deva incluir neste grupo; quanto aos adjectivos, aqueles em que agiu o fenómeno fonético e não são casos de analogia são: *choco*, *grosso*, *morto*, *novo*, *posto* (e os seus derivados), *torto* e *retorto*; também *goro* (com as variantes *golo* e *grollo* nos falares galegos), *oco* e *solto*, que nos falares portugueses actuais apresentam vogal fechada nos quatro termos flexivos; outros como *volto*, *envolto*, *revolto* e *desenvolto* têm oscilação; com vogal “e”: *ermo*, *esquerdo*, *grego*, *labrego*, *ledo*, *preto*, entre outros¹⁰. Excluimos substantivos como *dono*, *sono*, *sonho*, e adjectivos como *risonho* porque a vogal tónica está seguida de cosoante nasal e não são casos totalmente seguros de inflexão metafonética. Um critério válido em geral – especialmente útil para os casos de etimologia duvidosa – será a comparação com as formas correspondentes leonesas e castelhanas: *caruozo*, leonês, apoia a hipótese de um étimo com -DY- que teria dado lugar à consoante da última sílaba (D. Catalán 1989:35) e permite-nos a supor que o antecedente etimológico do galego-português *caroço* teria vogal aberta; mas há que ter em conta a frequente perda da ditongação primitiva (*uemne* ‘homem’, etc.), para além doutros casos que podem induzir em erro: *cuemo* < “quo modo”, em que o ditongo surge por evolução directa do /w/ da forma latina (Menéndez Pidal 1980:118); o leonês *piscuozo* (D. Catalán 1989:45) e o castelhano *pescuezo* colocam o problema do influxo do iode como causa do fechamento da vogal, que teria agido também em termos como *folha* (com vogal aberta em zonas orientais da Galiza mas fechada na maior parte do território, cf. leonês *fueya*).

Os dados sugerem que, sem que se saibam os motivos, determinados vocábulos conseguiram furtar-se à acção da mudança fónica de inflexão por -U final; é difícil saber com segurança quais são, porque o facto de não ter tido sobrevivência nos falares contemporâneos não nos autoriza a supor que a inflexão não se tenha produzido: é possível que se tenham perdido posteriormente os seus vestígios. A

⁹ Esta palavra, cuja correspondência castelhana e leonesa é *muermo*, procede, segundo os dicionários etimológicos, de *mörbu* “doença”; nos inquéritos que realizamos regista-se a variante *bormo*, concretamente em C3.

¹⁰ Não incluímos *galego*, porque há dúvidas sobre a etimologia, embora a forma esperável a partir do latim *gallaecu* seria com vogal aberta.

explicação das excepções exige o estudo de cada caso: o advérbio *logo* (<LŎCO), procedente do ablativo latino, pode ser um exemplo do diferente comportamento dos vocábulos segundo tenham -U ou -O final etimológico: o -O não modificou a vogal tónica. Mas é necessário, sobretudo na Galiza, distinguir as verdadeiras excepções dos casos em que deve ter havido restauração da vogal etimológica originária por nivelamento com as restantes formas da mesma família lexical; poderá ser o caso de *pôrco*, *côrvo* e *ôvo*, que “só moi minoritaria e/ou illadamente presentan metafonia en falas galegas” (R. Álvarez 1988:114). No caso de *ovo* como noutros vocábulos presumivelmente afectados, a substituição da forma galego-portuguesa pela castelhana vulgar “guevo” faz impossível saber em que área geográfica se manifestou a mudança fonética; o mesmo se passa com *fogo*, *povo* e, em menor medida com *osso*, substituído por “gueso” em muitos falares¹¹, e *posto* e *imposto*, em que a ampla vigência das formas castelhanas converte as outras em suspeitas de terem sido reconstruídas pela via de substituir “ue” por *o* aberto, regra geral de acomodação dos castelhanismos¹². Os nivelamentos analógicos a que nos referimos devem ter ocorrido também em certos falares de Portugal setentrional, como sugerem algumas observações sobre o carácter flutuante dos resultados da metafonia em falares do Minho. Essa flutuação terá induzido alguns autores a considerar a existência de áreas sem metafonia (Paiva Boleo / Santos Silva 1962:96-97).

Na Galiza actual aparentemente o número de vocábulos afectados é maior nas áreas mais ocidentais do território; não existe, aliás, uma isoglossa da metafonia que resulte da coincidência básica das áreas de vigência do fenómeno num número significativo de vocábulos¹³; nos falares orientais detecta-se num reduzido número de palavras¹⁴. Parece todavia que não podemos tomar os dados actuais como retrato

¹¹ A acção do fenómeno fonético devia conduzir à hominímia entre *osso* (<ŎSSU) e *osso* (<ŪRSU), segundo assinalou D. Alonso (1972:24): “En cuanto a *urso*, mi interpretación es la siguiente: *osso* (<ŪRSU) tenía etimologicamente o frente a *osso* (<ŎSSU) que la tenía abierta. Al operar la metafonia y cerrar la *o* de *osso* “hueso” tuvo que mantenerse la correlación con “oso”, de ahí port. ant. *usso*. Esta forma, muy próxima ya al latín, fue entonces rehecha por presión culta en *urso*”.

¹² Um caso particular é *cornu*, pois carecemos de qualquer informação sobre umha esperável pronúncia fechada da vogal tónica deste substantivo em falares actuais da Galiza. Ahamos que deve ser um caso similar ao de *porco*: a vogal aberta da forma do plural e das do feminino *coma* – que tem, tanto na Galiza como em falares portugueses, o significado de “cornadura” ou conjunto dos cornos de um animal (cf. C. García 1985 s.v.) – terão nivelado a vogal fechada do masculino singular desde períodos antigos.

¹³ É possível que o fenómeno seja anterior à “ruptura” do latim do Noroeste em duas áreas linguísticas – asturiano-leonesa no oriente e galego-portuguesa no ocidente – e apareça por isso *sobreposto* a essa divisão dialectal; além disso, da interpretação que faz Menéndez Pidal tira-se a conclusão de que o elemento gerador (a distinção entre *ū* e *ō* finais latinos) provavelmente já não ocorria num espaço territorial compacto, mas em zonas mais arcaizantes que iam ficando cada vez mais isoladas; os vestígios actuais, tanto no asturiano como na área galego-portuguesa, sugerem que a manutenção da distinção se deu de preferência nas áreas mais periféricas, onde parece ter tido uma vigência mais prolongada o fenómeno puramente fonético: Cabo de Peñas, Marinha de Lugo, Viveiro, zona de Ortigueira e Costa da Morte corunhesa.

¹⁴ Na freguesia de S. Pedro de Casteloais (Chandreja de Queixa-Ourense), com *ε>e* *ermo*, *esterco*, *medo*, *novelo*, *Pedro* (antropónimo), *rego*, *testo* (tampa da panela); com *o>o* *corpo*, *mormo* (doença

fiel dos efeitos da inflexão metafonética originária: tudo parece indicar que nas áreas orientais se terá dado um grande número de nivelamentos analógicos em que os membros de cada família lexical que tinham conservado o vocalismo etimológico regularizaram a forma do masculino singular, a única que teria sofrido a mudança fonética. Por isso os vestígios são mais frequentes em termos em que só se usa ou é muito maioritária a forma do masculino singular¹⁵.

Estabelecer a lista de vocábulos afectados pela inflexão exige distinguir os verdadeiros casos de metafoia dos que terão sido atraídas analogicamente para o modelo de flexão de número hipercharacterizada sem terem sofrido a mudança fonética. Os substantivos *almoço* e *esforço*, com vogal fechada em todo o território da Galiza mas com ditongo em castelhano, o fechamento pode ter sido motivado pelo *iode*, como em *força*, que tem também vogal fechada em toda a área galego-portuguesa e ditongo em castelhano. *Estorvo* e *tojo* sem ditongo no leonês nem no castelhano, devem ter tido vogal fechada etimológica. O facto de apresentar actualmente vogal aberta em certas áreas galegas só parece poder explicar-se pela sua inclusão num padrão hipercharacterizado na flexão de número, para o qual teriam sido atraídos pela analogia. Os resultados actuais justificar-se-iam a partir de uma situação medieval em que a vogal do singular era fechada e a do plural aberta (*estôrvo/estórvos, tôjo/tójos*), evoluindo depois para uma simplificação em que numas áreas se impôs a vogal do singular (*estôrvo/estórvos, tôjo/tójos*) e noutras a do plural (*estórvo/estóvos, tójo/tójos*)¹⁶. Estes dois substantivos parecem-nos

dos animais), *Porto* (topónimo) e *soro* (do queijo); em Lier (Sárria, Lugo), López Castro regista (1991:250): “Metafonía producida por -U (> gal. -o pechado). Témo-los seguintes exemplos: medo (<Lat. MĒTU, Lévedo (<Lat.*LĒVITU), testo (<Lat. TĒSTU), Porto (<Lat. PŎRTU). O máis corrente é que non se produza: *SŎTTU > soto; *SŎCCU > zoco; HŎRTU > orto; NŎVU > nobo; NŎVA > noba [...] Serve para hipercharacteriza-lo xénero na parella sogro / sogra”.

¹⁵ Será o caso de *esterco*, *medo*, *novelo*, *corpo*, *mormo* e *soro*; nos casos de *testo* (tampa da panela) e *Porto* (lugar de passagem de pessoas sobre uma corrente de água) a falta de consciência de pertencer à mesma família lexical que *testa* e *porta* teria impedido o nivelamento analógico. Não parece que o contexto fonológico da vogal tenha tido relevância: *corvo*, *corpo* e *mormo* apresentam idêntico contexto, com vogal *o* travada por *-r*. A explicação do diferente comportamento pode ser que *côrvo(s)* – que apresenta vogal fechada na maior parte do território galego –, praticamente só se usa no singular, e *córvo(s)* é mais usado no plural.

¹⁶ As respostas ao inquérito relativamente ao substantivo *estorvo*, *estórvos*, e à conjugação do verbo *estorvar* foram as seguintes: *estorvo*, *estórvos* e *estorvo*, *estorvas*, *estorva* nos pontos L1, L2, L4, L5, L7, L8, L9, L10; P3; Ou1, Ou2, Ou3 e Ou4, e *estorvo*, *estórvos*, e *estorvo*, *estórvos*, *estorva* em L6, além doutros pontos lucenses como Cotá (concelho de Friol), e em todos os pontos da Corunha (C) e em Ponte-Vedra P1, P2, P4, P5 e P6. O substantivo representa uma excepção na evolução moderna dos vocábulos com [o] no singular e [ɔ] no plural, que se igualaram em favor da vogal aberta, mesmo sem ser etimológica (como em *caroço* e *tojo*), na Galiza oriental, e em favor da fechada na ocidental; neste caso ocorre o contrário: a forma *estôrvo(s)* sobreviveu na zona oriental e *estórvo(s)* na ocidental; no oriente foi a forma singular do substantivo que nivelou a raiz verbal das formas rizotónicas, mas no ocidente terão sido exactamente estas que terão determinado o triunfo da vogal aberta. Sobre *tojo*, cf. R. Álvarez 1988:148: “Tal é o caso de *toxo*, cunha variante *tôxo* na maior parte da provincia de Pontevedra –só presenta vocal aberta na franxa oriental, limítrofe coas de Lugo e Ourense –, en toda a provincia da Coruña, na metade norte da de Lugo, no galego de Asturias, nos puntos norteños do de León e no galego de Zamora, é dicir, nunha área que envolve polo oeste, polo norte e polo leste a área da forma con vocal aberta *tôxo* [...] É chamativo, ademais,

testemunhos claros desse percurso evolutivo, mas podem-se acrescentar outros: *caroço* e *miolo*, pelo menos, com vogal fechada e aberta em diferentes áreas, sugerem também que na Galiza houve uma época em que o fechamento da vogal caracterizava a forma do singular face à do plural com vogal aberta. Devemos assinalar ainda outros vestígios, como a distribuição geográfica das formas *ólho*, *ólhos* e *ólho*, *ólhos*:

Ollo pode referir-se en galego ou ós da cara ou á parte central das verduras (“ten os ollos verdes” ou “catro ollos de repolo”); co primeiro significado a forma *óllo* ocupa unha área algo mais pequena, sobre todo pola parte norte de Galicia, cá que corresponde a *óllo* co segundo significado [...] *Birollo*, de evidente formación sobre *ollo* (*da cara*) ocupa unha área que polo norte excede algo a de *ollo* (*da cara*) e non chega á de *ollo* (*de verdura*), pero que polo sur penetra con relativa amplitude na provincia de Ourense (R. Álvarez 1988:145-146).

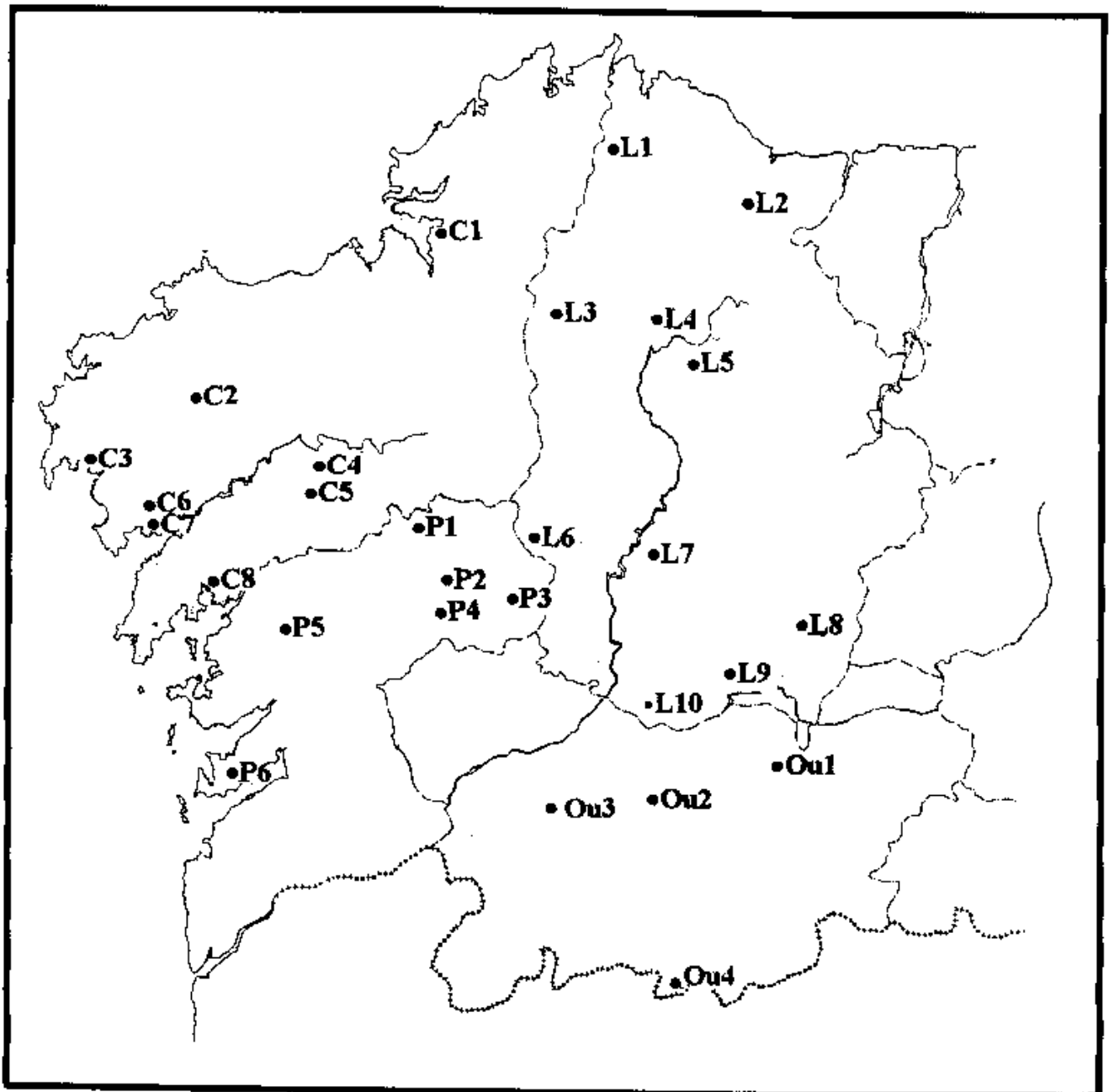
As formas *ólho*, *ólhos* prevalecem, portanto, na metade ocidental da Galiza, as etimológicas na metade oriental, mas há uma faixa intermédia em que coexistem as duas: *ólho* significa órgão da visão e *ólho* designa o núcleo do *repolo*; esta circunstância induz a supor que houve um período em que a forma do plural era *ólhos* e a do singular *ólho* e que posteriormente se deu uma especialização, nascendo dois vocábulos a partir de variantes flexionais de um¹⁷.

Conclusões: 1ª, a metafonia por -U final terá sido um fenómeno fonético com repercussões morfológicas, das quais a principal é o aparecimento de padrões flexivos de género e número hipercharacterizados em que a vogal fechada da forma do masculino singular se opõe à aberta – etimológica – das outras do paradigma flexional. 2ª, a formação dos padrões hipercharacterizados como realidade autónoma, independente do fenómeno fonético que lhes deu origem, não parece ter sido uma consequência tardia da acção do fenómeno, antes pelo contrário, deve ter ocorrido em época muito antiga, que no Noroeste peninsular se situaria na pré-história da língua galego-portuguesa, antes da cisão política da sua área original de vigência. 3ª, a autonomia desses padrões relativamente ao fenómeno fonético manifesta-se no facto de ter atraído aos modelos flexionais hipercharacterizados vocábulos que, por terem vocalismo tónico fechado etimológico, não podem ter sido afectadas pela mudança fonética; a incorporação aos padrões manifesta-se no aparecimento da vogal aberta não etimológica nas formas plurais e femininas, geradas por analogia com os vocábulos que tinham sido afectados pela inflexão original. 4ª, nos falares

que a figura triangular que describe a área de *táxo* teña como ampla base case a totalidade da fronteira sur de Galicia, límite co portugués”.

¹⁷ Num dos nossos inquéritos, L3, do Castro, Santa Cruz de Parga (Lugo), não se regista o uso de “ólho do repolo”, mas há também uma duplicidade de *ólho/ólho*: aqui “ólhos” são os órgãos da visão o “ólho” é o buraco “onde de mete o mango [=cabo] de umha aixada ou macheta”: mais um dado que confirma que deve ter havido numa fase precedente flexão de número hipercharacterizada e posteriormente, ao desaparecer, a dupla forma fonológica deu lugar à especialização de significados em que o termo com vogal fechada se aplica a realidades evocadas preferentemente no singular.

actuais da Galiza as isoglossas de alguns vocábulos, como *ólho/ólho*, *miôlo/miôlo*, *estôrvo/estôrvo*, *tôjo/tôjo* e outros, parecem testemunhar indirectamente a vigência na língua antiga de padrões flexionais de número com vogal fechada no singular e aberta no plural, o que constitui um vestígio indirecto de que, apesar das diferenças nas manifestações actuais, deve ter havido um único fenómeno de metafonia por -u final galego-portuguesa que terá vigorado nas etapas iniciais de formação do romance.



Apêndice¹⁸

In era M^a. CCC^a. XII^a τ 98. iij die ante tets /² aprilis Cunucuda cousa siga aquantus hista car/³ta uirin que eu dōna maria ffernandiz iii^a /⁴ Ona ī Ramirais por outorgamento τ por plazer /⁵ das donas τ dus clerigus disse lugar quito a /⁶ ffernā perez é á sua muler maior perez quanto /⁷ houuerū é áuýa adar dus casaris da Rifa/⁸na aumoesteiro de Ramirais atrois hudia /⁹ dugi, assi que nium ným nýua omme nem mu/¹⁰ler num siga puđeruso nem poderosa didiman/¹¹dar á úos aquesto que uos nos quitamus τ que aquesto /¹² nō uina ī dulta fazemos carta á uos ffernan /¹³ perez eá uos maior perez dequitazō distas cousas /¹⁴ sobredictas τ mandouos assij'lar hista carta di /¹⁵ meu sillo *proprio* que presentes fuerunt τ cōdentes [sic]. /¹⁶ *Lupus petri clericus. Johanes ffernādi presbiter Idefonsus /¹⁷ Johanis clericus Johanes martini presbiter. moniales Dōn /¹⁸ estefania. Marina rudrici. maria rudrici. Terasia /¹⁹ rudrici. horracha sancij. terasia didaci. Petrus /²⁰ pelagij. presbiter. petrus muogus presbiter. /²¹ Johanes petri qui scripsit per mādatū petri Johanis no/²²tarij'* Ramiranis qui ibi posuit signū suū (*signo*)

Referências bibliográficas

- Alonso, D. (1972) "Metafonía, neutro de materia y colonización suditaliana en la Península Hispánica", in *La fragmentación fonética peninsular*. Suplemento ao t. I da Enciclopedia Lingüística Hispánica, C.S.I.C., Madrid 1962, pp. 105-154; incluído no vol. I das *Obras Completas*, Madrid, ed. Gredos, pp. 147-213.
- Álvarez Blanco, R. (1988), "Consideracións sobre a metafonía nominal galega", in *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 851 aniversário*, editada por Dieter Kremer, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, pp. 141-157.
- Álvarez Blanco, R. [coordenadora] (1995), *Atlas Lingüístico Galego. Volume II: Morfoloxía non verbal*, Instituto da Lingua Galega, Santiago de Compostela.
- Boleo, M. de Paiva-Silva, M. H. Santos (1962), "O 'Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental'", Separ. das *Actas do IX^o Congrès International de Linguistique Romane (31 de Março-4 de Abril de 1959)* vol. III, *Boletim de Filologia XX*, Lisboa, pp. 85-112.
- Catalán, D. (1989), *Las lenguas circunvecinas del castellano*, ed. Paraninfo, Madrid 1989.
- Diéguez González, J. (1998), "Observaçons sobre a metafonía galego-portuguesa à luz da sua vigência actual na Galiza", *Agália*, n.º 55 (Outono 1998), pp. 285-299.
- López Castro, M. X. (1991), "Unha mostra da fala de Lier (Sarria)", *Homenaxe ó Profesor Constantino García*, Santiago de Compostela, Tomo I, pp. 249-268.
- Louro, J. Inês (1961), "Metafonía do e tónico em português", *Boletim de Filologia XVIII, Actas do IX^o Congrès International de Linguistique Romane (31 de Março-4 de Abril de 1959)*, Lisboa, pp. 105-113.

¹⁸ Edição de um documento em que se verifica um possível exemplo de flexão de género hipercharacterizada analógica, provável testemunho indirecto do fenómeno da metafonía nominal. Pertence ao Arquivo do Mosteiro de Benedictinas de S. Paio de Antealtares, de Santiago de Compostela. Há uma edição anterior de Lucas Alvarez, M. e Lucas Domínguez, P. P. (1988), *San Pedro de Ramirás. Un monasterio femenino en la Edad Media*, Santiago de Compostela, p. 389, n.º 192.

- Maia, C. Azevedo (1986), *História do Galego-Português. Estado Lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*, I.N.I.C. Coimbra.
- Mariño Paz, R. (1994), "Sobre certas alteracións do vocalismo tónico en galego e mais en portugués. Consideracións acerca da posible influencia metafonética exercida por /-e/ átono final de palabra", in *Verba, Anuario galego de Filoloxia*, Universidade de Santiago de Compostela 21, pp. 85-111.
- Menéndez Pidal (1980), *Orígenes del Español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Espasa-Calpe, Madrid (9ª ed.).